

COMPREENSÃO DO PROCESSO DE LUTO EM IDOSO A PARTIR DA ANÁLISE DE ANIMAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Tálio Câmara Pinto dos Santos ¹
Edmundo de Oliveira Gaudêncio ²

INTRODUÇÃO

O longa infantil “Up: altas aventuras” conta a história de Carl Fredricksen, um viúvo de 78 anos que se vê sozinho e às brigas com uma empreiteira que quer a qualquer custo lhe tirar a sua querida casa. O motivo do apego ao lar são as boas lembranças que ali viveu com sua esposa, Ellie, amiga de infância, com quem casou e compartilhou anos de sua vida, todos repletos de felicidade, em que enfrentaram juntos a doçura de uma vida agradável a dois, bem como a tristeza representada pela impossibilidade de ter filhos.

Por conta do falecimento de Ellie, Carl se torna cada vez mais ranzinza e rabugento, formas de expressão da depressão, até que conhece Russel, um pequeno escoteiro, decidido a fazer uma boa ação para que possa subir de nível em seu acampamento. Juntos, em “Altas aventuras”, Carl elabora seu luto, cumprindo a promessa feita a Ellie, construir uma casa nas montanhas, no Vale das Cachoeiras. Para isso, Carl e seu pequeno companheiro amarram inúmeros balões à casa e com ela voam para as montanhas, isso possibilitando a Carl redescobrir um novo sentido para sua vida, graças ao cumprimento da promessa não realizada e ao estabelecimento de uma sincera amizade intergeracional.

O longa aborda temáticas importantes em saúde mental no processo de envelhecimento e morte. Depressão, solidão, mudanças de comportamento, necessidade de realizar o desejo do outro e ressignificação da existência são aspectos trabalhados de maneira leve, divertida e, sobretudo, reflexiva. Enquanto diversão, na leitura feita por crianças, as “altas aventuras”; enquanto reflexão, numa leitura de adultos, o filme fala de morte, perda, luto e elaboração de luto, isso sobretudo sendo instrutivo para crianças, quanto à morte como um fato natural e considerando que, embora o filme seja indicado ao público infantil, as crianças sempre vão aos cinemas ao lado de adultos.

¹Graduando do Curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, taliocamaraps@gmail.com ;

²Professor orientador: doutor, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, edmundogaudencio@hotmail.com;

Dada esta história, acreditamos que podemos lê-la a partir de um viés fenomenológico, discutindo o processo do luto enfrentado pelo personagem. No desenho, essa dificuldade em trabalhar a perda e elaborar o luto fica evidente quando Carl, antes carinhoso, feliz, ao lado de Ellie, tem seu comportamento modificado a partir da perda da esposa.

Se a clínica do luto é mostrada, ao adulto que, assim, pode melhor compreender perdas e enlutamentos, o que sobretudo interessa, do ponto de vista psicológico e sociocultural, é que o filme é sobretudo importante por apresentar a morte, à criança, como um fato natural, notadamente porque, no Ocidente, não abordamos a morte como fato humano necessário, mas antes como sobrenatural, negligenciando temáticas que poderiam ser discutidas a fim de amenizar a dor vivida pelas perdas, esclarecer questionamentos pessoais quanto ao morrer e à morte, principalmente quando na condição de pacientes fora de possibilidades terapêuticas (o que frequentemente sucede a idosos) isso contribuindo, portanto, para reafirmar que a finitude há de chegar natural e inevitavelmente, pois é um processo humano que todos vivenciaremos um dia.

METODOLOGIA

Após assistir “Up: Altas Aventuras”, efetivamos levantamento bibliográfico objetivando discorrer sobre luto e processo de luto, construído, nosso texto, dessa forma, nos moldes de Revisão Narrativa.

DESENVOLVIMENTO

A literatura afirma que o luto pode ser compreendido como o conjunto de respostas em reação a uma perda. Ele é “o acontecimento vital mais grave que a maior parte de nós pode experimentar” (PARKES, 1998, p. 44). Com base neste pensamento, infere-se o luto como um estágio de expressão dos sentimentos decorrentes da perda, a qual pode repercutir afetivamente na forma de choque emocional, angústia, tristeza, desorganização, negação, isso podendo ocorrer a qualquer pessoa, em qualquer idade, notadamente na velhice, pois, quanto mais velhos, mais experiências frente à vivência do luto acumulamos; quanto mais idosos, queiramos ou não, mais próximos da morte.

Destarte, com o avanço da idade nos deparamos com perdas na esfera social, familiar e, sobretudo, individual. Ao lidar com essas mudanças, o idoso lida

inevitavelmente com a morte e vivencia processos de luto (COCENTINO E VIANA, 2011, p. 596). Por sua vez, a manifestação desse luto advém das mais variadas maneiras que o ser humano consegue externalizar o sentimento da ausência, causado pela perda de outra pessoa, objeto e, até mesmo, por perdas corporais ou funcionais que se tornam mais prevalentes com o avançar da idade.

Nesse panorama o luto pode representar um processo de grande impacto no(a) idoso(a), pois este traz consigo perdas pessoais e sociais decorrentes do envelhecimento e que são estigmatizadas como invalidez ou condescendência (OLIVEIRA E LOPES, 2009, P. 218-219), ao tempo em que, com o avanço da idade, a morte se aproxima e é encarada como real, provável, próxima, juntamente à maximização de sentimentos como medo, angústia e fatores sociais que tendem a relacionar, sob ótica negativa, o envelhecimento com a falta de produtividade e consequente inutilidade do sujeito idoso em sociedades capitalistas para as quais o importante é produzir e consumir mercadorias e não vivenciar bens.

Por outro lado, do ponto de vista fenomenológico-existencial, o que se há que destacar nas perdas gerativas de luto é a relação eu-tu que, uma vez rompida, possibilita que muito do eu seja levada com o tu que se vai, muito desse tu permanecendo com esse eu mutilado que vivencia a perda pelo viés do enlutamento (FREITAS, 2013). Nesse processo, algumas evidências hão que ser destacadas: cada pessoa vivencia suas perdas a partir de sua própria singularidade, aí devendo ser considerados fatores como a forma mediante a qual se deu a perda, se de forma natural ou violenta; a idade da pessoa perdida *versus* a idade do enlutado; a intensidade do luto desencadeado é influenciada pela qualidade do vínculo estabelecido entre a pessoa que se foi e a pessoa que, como sobrevivente enlutado, permanece; é a intensidade desse vínculo que determina a perda de sentido existencial por parte do enlutado, uma vez que existir é co-existir, dado que toda subjetividade é, na verdade, intersubjetividade e, nas perdas de entes amados, “Não é que o ‘tu’ desapareça, antes, desaparece uma maneira de ser ‘eu’ diante do ‘tu’ (FREITAS,2013).

Nesse sentido há que se perguntar, então, se, de fato, ocorre possibilidade de elaboração de luto ou incorporação existencial daquele(a) que foi perdido(a), vez que ele(a) deixa de ser co-presença física, uma vez desfeita a intercorporeidade pela morte, embora ainda sendo presença através de lembranças e saudades.

Fica evidente que lembranças e saudades tanto podem constituir-se como elementos saudáveis e capazes de abrir perspectivas existenciais, quando, em nome da memória daquele ou daquela que se foi, o sobrevivente elabora projetos existenciais pessoais capazes de dar sentido a uma nova vida, colocada aquela ausência a serviço de causas sociais (por exemplo, pais e mães de vítimas da violência que se engajam em lutas políticas por pacificação). Dentre essas lembranças e saudades algumas, porém, podem dificultar a aceitação da perda, uma das quais é abordada em “Up: altas aventuras”: a recordação de promessas feitas àquele(a) que se foi e que por algum motivo não puderam ser cumpridas. Quando possível, pelo menos de forma simbólica, o “pagamento” de tais dívidas, resta a ideia de quitação de um débito existencial resgatado, o que, removendo do luto culpas eventuais, abre novas fronteiras existenciais o que, por seu turno, retira de cena o impedimento para a construção de novos projetos de vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “Up: Altas Aventuras” é possível observar o processo de elaboração do luto por parte do idoso Carl, que acabara de perder a esposa. A obra tem início retratando a época em que o casal se conheceu, jovens, repletos de sonhos e gozando, ambos, de plenitude em saúde. Eles constroem a vida juntos, repleta de felicidade, embora enfrentem frustrações como serem impossibilitados de ter filhos e, por motivos financeiros, não conseguirem se mudar e construir sua casa no Paraíso das Cachoeiras, localizado no, até então, desconhecido e desejado continente da América do Sul. Eis que, após décadas juntos, Ellie falece e este episódio modifica intensamente a vida de Carl, que passa a desenvolver sintomas depressivos, isso representando a impossibilidade de resolução de seu luto pessoal, reafirmando o pensamento de que o morto será uma presença-ausente no mundo do enlutado (FREITAS, 2013, p. 103).

É graças à influência de um garoto, Russel, que Carl decide pôr em prática o plano de ir até o Paraíso das Cachoeiras, realizar o sonho de sua amada. Russel é um escoteiro desajeitado que cresceu sem a figura do pai e que embarca com Carl, seguindo a rota da casa voadora. Durante a viagem, Carl acaba conhecendo Charles Muntz, seu ídolo da juventude. No entanto, descobre que o mesmo é uma farsa e possui fixação por capturar Kevin – uma ave rara, a qual Muntz passou a vida inteira

tentando provar sua existência. Carl se frustra com a verdade sobre Muntz e opta por salvar a ave das garras daquele.

No desenrolar da trama, é possível observar que o elemento principal que impede a elaboração do luto é a não-realização do sonho de Ellie, o qual não pudera ser concretizado na juventude/maturidade e, agora, Carl canaliza toda sua força para cumprir com o anseio de sua falecida amada.

Todavia, após “altas aventuras” ao lado de seus novos amigos, Carl acaba descobrindo que o mais importante na vida não é a realização de todos os sonhos um dia imaginados, mas sim as vivências compartilhadas e, sobretudo, a criação de laços e fortalecimento dos vínculos. A partir do instante que isso é percebido, Carl passa a vivenciar o processo de luto como forma de aceitação da ausência do outro, o que lhe abre as portas para um novo sentido de vida, a partir da resignificação ocasionada pelo nascimento de um novo vínculo com Russell e o cumprimento simbólico de uma promessa.

Nisto tudo cabe insistir: somos, na velhice, aquilo que cultivamos ao longo da vida; expressamos, na senectude, aquilo que aprendemos a ser e, nisso, a necessária educação para a morte a que geralmente chegamos despreparados, graças a uma educação que escamoteia e oculta a nossa finitude, criando-nos a falsa sensação de eternidade mediante uma negação da morte pessoal, como se apenas os outros morressem – o que, do ponto de vista educativo, “Up: altas aventuras”, sem nenhuma dúvida é um filme elucidativo: morre bem quem bem viveu, não se negando a viver da forma mais intensa e criativamente possível, do modo mais útil, pessoal e coletivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho-animado “Up: altas aventuras” nos mostra de modo explícito o quão importante é a vivência e a resolução do luto resultante da perda de um cônjuge, notadamente na terceira idade. No processo de aceitação de perdas e elaboração de lutos, imprescindível o estabelecimento de novos vínculos pessoais e sociais após a perda de um ente querido. Na narrativa, passível de leituras infantis e adultas (para as crianças, um filme divertido que fala porém de morte; para adultos, uma película capaz de fazer refletir sobre a morte, através de entretenimento), Carl se mostrava ranzinza e fechado, pois sua vida foi construída ao lado de uma única pessoa, o que o

torna resistente à criação de novos vínculos, como é retratado por intermédio do menino Russell e da ave Kevin que deve ser protegida. Russell pode ser visto como um filho que Carl nunca pode ter, tornando-se possível a superação da falta de um filho que nunca nasceu. Isso, somado à concretização de uma promessa nunca realizada, possibilita a Carl elaborar seu luto e redescobrir o sentido da vida.

Outrossim, este trabalho tem caráter inovador, pois realiza discussão da temática do luto em idoso sob o viés da releitura de um desenho animado. Ademais, buscou-se apresentar, bem como suscitar novas reflexões para a compreensão da vivência do luto na terceira idade, visto que a literatura atual carece de vasto acervo sobre tal particularidade do processo de enlutamento.

Palavras-chave: Idoso; luto; resolução de luto.

REFERÊNCIAS

- COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim; VIANA, Terezinha de Camargo. “A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto”. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 3, p. 591-599, 2011.
- FREITAS, Joanneliese de Lucas. “Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva”. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013
- PARKES, C. M. (1998). **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus.
- KREUZ, Giovana; FRANCO, Maria Helena Pereira. “O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento: revisão sistemática de literatura. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 69, n. 2, p. 168-186, 2017.